

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 7 - 2018



A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser

Irene Viparelli

Práticas da História, n.º 7 (2018): 161-175

www.praticasdahistoria.pt

Irene Viparelli

A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser

O presente artigo visa salientar a importância teórica de *Écrits sur l'histoire*, recolha de inéditos de Althusser coordenada por G. M. Goshgarian e publicada pela PUF – Presses Universitaires de France em 2018. A hipótese que procuramos demonstrar é a de que estes textos contribuem de forma decisiva para o esclarecimento da relação entre a interpretação althusseriana da obra de Marx como ‘ciência da história’ e a sua representação do ‘aleatório’ enquanto núcleo essencial de toda a filosofia verdadeiramente materialista. Com efeito, estes inéditos ‘*sur l'histoire*’ tornam evidente, no nosso entender, que a hipótese filosófica do materialismo aleatório, longe de pertencer apenas ao ‘último Althusser’, constitui muito pelo contrário um elemento fundamental da teoria althusseriana desde os anos 60, desempenhando, relativamente à ciência da história, um duplo papel. Por um lado, na medida em que a filosofia do aleatório constitui uma crítica radical de toda a fundamentação transcendental da história, ela representa o pressuposto lógico-histórico para uma abordagem científica à história em geral e ao modo de produção capitalista em particular. Por outro, na medida em que adquire a forma de ‘pensamento da conjuntura’, o materialismo aleatório torna-se o necessário complemento prático-político da ciência da história: o elemento que desvenda o seu núcleo revolucionário.

Palavras-chave: Materialismo aleatório, Althusser, marxismo, ciência da história.

**The Theoretical Importance of
L. Althusser's *Écrits sur l'histoire***

This article aims to draw attention to the theoretical importance of the collection of unpublished texts by Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, edited by G. M. Goshgarian and published by PUF – Presses Universitaires de France in 2018. We attempt to demonstrate the hypothesis that these unpublished texts contribute decisively to clarifying the relationship between the Althusserian interpretation of Marx's works as a ‘science of history’ and its representation of the ‘aleatory’ as the essential core of all truly materialist philosophy. In effect, the unpublished texts ‘*sur l'histoire*’ make it clear, in our view, that the philosophical hypothesis of aleatory materialism, far from concerning only Althusser's last period, was in fact a fundamental element in his theoretical output since the 1960s, playing a dual role as regards the theory of history. On the one hand, insofar as the philosophy of the aleatory constitutes a radical critique of any notion of history as transcendently founded, it represents the logical and historical premise for a scientific approach to history in general and to the capitalist mode of production in particular. On the other hand, insofar as it takes on the form of ‘conjunctural thinking’, aleatory materialism becomes the necessary practical and political complement to the science of history, the element which reveals its revolutionary core.

Keywords: Aleatory materialism, Althusser, Marxism, science of history.

A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser

Irene Viparelli*

1. Contra o historicismo

A publicação de *Écrits sur l'histoire* inscreve-se num projeto mais amplo de edição sistemática dos inéditos althusserianos conservados nos arquivos do “Fundo Althusser” do IMEC (Institut mémoires de l'édition contemporaine).¹ Na nota introdutória, G. M. Goshgarian sublinha a singularidade dos textos recolhidos no presente volume, quando comparados com a maior parte dos manuscritos althusserianos já publicados:

A avaliar pelo seu aspeto físico, “Marx et l'histoire” é o único desses textos que foi verdadeiramente corrigido. Os manuscritos dos outros oito inéditos que poderemos ler neste volume foram apenas ligeiramente retocados, ao contrário da maioria dos inéditos althusserianos publicados postumamente, ao longo dos últimos vinte e cinco anos [...]. Cabe ao leitor ajuizar se daí se pode deduzir o caráter secundário destes trabalhos, postos de lado pelo seu autor.²

* Professora Auxiliar da Universidade de Évora e membro integrado do CICIP (Centro de Investigação em Ciência Política). Traduzido do italiano por Ângela Miranda Cardoso.

1 No âmbito deste projeto já foram publicados os seguintes escritos inéditos: *Initiation à la philosophie pour les non-philosophes* (Paris: PUF, 2014); *Être marxiste en philosophie* (Paris: PUF, 2015); e *Les Vaches noires. Interview imaginaire* (Paris: PUF, 2016).

2 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire* (Paris: PUF, 2018), 12.

Este questionamento de Goshgarian sobre as razões que levaram Althusser a abandonar os manuscritos não pode aspirar a respostas definitivas, já que orienta a análise por caminhos muito pouco férteis. Bem mais frutuoso parece ser refletir sobre a utilidade que essa recolha, independentemente das intenções do autor, pode ter para nós, leitores póstumos. Sob este ponto de vista, com efeito, o interesse de *Écrits sur l'histoire* salta de imediato à vista: os inéditos agora publicados permitem-nos olhar a uma nova luz o problema da relação entre a interpretação do marxismo como ciência da história e a elaboração do materialismo aleatório. Representam, por isso mesmo, um instrumento útil para aprofundar ainda mais o processo de releitura do percurso teórico althusseriano que, tornado possível precisamente pela progressiva publicação dos seus escritos inéditos, coloca radicalmente em discussão as tradicionais separações entre, por um lado, o 'Althusser da estrutura' e o 'Althusser da conjuntura'³ e, por outro, o 'primeiro' e o 'último' Althusser.

No "Projet de réponse à Pierre Vilar" (redigido por volta de 1972-73), Althusser confronta-se com as críticas que lhe haviam sido dirigidas pelo historiador catalão no ensaio publicado em 1973 "Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser".⁴ Neste esboço, Althusser admite que as suas posições anti-historicistas possam parecer «colocar em causa, senão mesmo sob acusação»,⁵ a história. E, no entanto, na realidade,

O contrário é que é verdadeiro, mas sob *uma* condição.
[...] Qual é esta condição? A distinção entre história vivida e conhecimento da história, a distinção entre as representações ideológicas da história e as categorias e análises científicas que conduzem ao conhecimento da história.⁶

3 Cfr. Étienne Balibar, "L'objet d'Althusser," in *Politique et philosophie dans l'oeuvre de Louis Althusser*, dir. Sylvain Lazarus (Paris: PUF, 1993), 94.

4 Pierre Vilar, "Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser," *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 23, n^o 1 (Janeiro-Fevereiro 1973): 165-98. <http://revueperiode.net/inedit-althusser-et-lhistoire-essai-de-dialogue-avec-pierre-vilar/>.

5 Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 101.

6 *Ibidem, ibidem*.

O manuscrito “À Gretzky”, de 1973, inserindo a questão do anti-historicismo na problemática mais geral da diferença entre ciência e ideologia – central nos textos althusserianos daqueles anos –, ajuda a esclarecer os termos da polémica. De facto, o historicismo, como qualquer ideologia, representa para Althusser uma pseudoexplicação de ‘evidências empíricas’, fundada sobre uma presumível ‘natureza’ do objeto em causa. Dessa forma, partindo da evidência de que «tudo passa, tudo muda»,⁷ o historicismo justifica o carácter transitório do ser com base numa suposta ‘natureza da história’, cujas características específicas seriam: «1. Que tudo é histórico e 2. que histórico designa o facto de toda a existência ser relativa a um tempo e a condições temporais em perpétua mutação.»⁸

Marx, deslocando a análise da história para o terreno científico e rompendo de uma vez por todas com essa perspectiva ideológica, com qualquer relativismo e subjetivismo do conhecimento histórico, elabora

um sistema de conceitos teóricos de base, aos quais corresponde toda uma outra *realidade* da história: história como processo de aparecimento, constituição (e desaparecimento) de formações sociais nas quais se ‘realizam’ modos de produção, unidade de relações de produção e de forças produtivas, história ‘movida’ pela luta de classes. O *tempo* histórico deixa, então, de ser a sucessão pura de mudanças ou o relativismo universal do *hic e nunc*: é o tempo *de* cada modo de produção, dos ciclos da produção e da reprodução, etc. Em resumo, um tempo ao qual correspondem *conceitos* totalmente diversos daqueles da ideologia historicista: digamos, uma ideia de tempo à qual corresponde um «objeto» totalmente diverso do «objeto-tempo» da ideologia historicista.⁹

⁷ *Ibidem*, 97.

⁸ *Ibidem*, 96.

⁹ *Ibidem*, 97-98.

Mas quais serão estes «outros conceitos» e este outro «objeto» do saber histórico?

A definição científica da história «como processo de aparecimento, constituição (e desaparecimento) de formações sociais»¹⁰ implica, por um lado, o desenvolvimento da ciência da história, enquanto conhecimento estrutural do processo de constituição e da lógica de desenvolvimento das formações sociais; e, por outro, uma teoria filosófica que, libertando-se das representações ideológicas, seja capaz de radicar o aparecimento e o desaparecimento das formações sociais no núcleo aleatório do ser.¹¹

2. Materialismo aleatório.

O pressuposto lógico da ciência da história

O breve texto inédito “Sur la genèse”, de 1966, vem confirmar a nossa hipótese interpretativa. Este esboço não apenas demonstra que o conceito de ‘aleatório’ pertence ao laboratório teórico althusseriano desde os seus primórdios, mas sobretudo permite especificar a função teórica fundamental: «O esquema da ‘teoria do encontro’, ou ‘teoria da conjunção’ [...] destina-se a substituir a categoria ideológica (religiosa) de gênese.»¹²

O surgimento do modo de produção capitalista, longe de ser consequência da dissolução do modo de produção feudal, longe de realizar as premissas que já estavam contidas, ‘em germe’, na sociedade feudal, longe, enfim, de ser o resultado de uma história teleologicamente orientada, é antes o produto do encontro aleatório de três elementos heterogêneos e genealogicamente independentes entre si: «O capital-dinheiro acumulado, as forças de trabalho ‘livre’, isto é, despojadas dos seus instrumentos de trabalho, e as invenções técnicas.»¹³

10 *Ibidem, ibidem.*

11 Segundo Althusser, qualquer rutura epistemológica acarreta uma revolução filosófica. Cfr. Louis Althusser et al., *Leggere il capitale* (Milão: Mimesis, 1996), 255-56.

12 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 81. Em nossa opinião, a problemática da filosofia marxista é desenvolvida por Althusser, no anos sessenta, menos na reflexão sobre a dialética materialista do que, de forma implícita e não problematizada, naquela sobre a ‘teoria da conjuntura’.

13 *Ibidem*, 82.

1. Os elementos definidos por Marx ‘combinam-se’. Ou melhor, [...] ‘conjugam-se’, ‘aglutinando-se’ [*‘prenant’*] numa nova estrutura. Esta estrutura não pode ser pensada, no seu surgimento, como o efeito de uma filiação, mas sim como o efeito de uma *conjunção*.¹⁴

Esta descrição do aparecimento histórico do modo de produção capitalista antecipa, de facto, a ‘interpretação aleatória’ da teoria de Marx da acumulação primitiva que, desenvolvida por Althusser no longo manuscrito de 1982 “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre”, considera o aparecimento do modo de produção capitalista como o resultado do encontro aleatório «entre o ‘*homme aux écus*’ e o proletário destituído de tudo menos da sua força de trabalho».¹⁵

O capítulo do manuscrito “Livre sur l’impérialisme”, de 1973, intitulado “Sur l’histoire du mode de production capitaliste” prolonga e aprofunda essa reflexão sobre as origens do capitalismo. Nessas páginas, Althusser demonstra que o encontro entre elementos, a sua conjugação, é uma condição necessária mas não suficiente para o aparecimento do modo de produção capitalista. O exemplo das cidades italianas do século XVI é disso uma demonstração evidente: nessas cidades, na realidade, estavam criadas todas as condições para a afirmação do modo de produção capitalista; o encontro entre elementos tinha, efetivamente, acontecido:

elas tinham, de facto, ‘realizado’ o capitalismo, quer na cidade quer no campo, incluindo formas absolutamente modernas de capitalismo, o trabalho em cadeia na grande indústria movida pela energia hidráulica, o trabalho parcelar, e, no campo, a utilização dos procedimentos científicos existentes para desenvolver a produção [...]. Contudo, esse capitalismo morreu.¹⁶

¹⁴ *Ibidem*, 81.

¹⁵ Louis Althusser, “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982)”, in *Écrits philosophiques et politiques*, tome I (Paris: Éditions Stock/IMEC, 1994), 585.

¹⁶ Althusser, *Écrits sur l’histoire*, 238.

Neste caso, explica Althusser, a ‘essência’ da formação social capitalista – aquela combinação de elementos que define o modo de produção – não tinha encontrado a forma da sua existência histórica. A específica formação social existente – a cidade circundada pelo campo – e a ausência paralela da ‘forma-nação’ tinham, com efeito, tornado impossível a reprodução das condições de produção.

Esta reflexão sobre a relação entre a essência de um modo de produção e as condições da sua existência histórica será retomada sistematicamente nos escritos dos anos oitenta, configurando-se como o problema da ‘prise’ entre elementos; ou melhor, da passagem do plano aleatório do encontro ao terreno efetivo das condições materiais e sociais da reprodução do encontro.

Poderemos assim concluir que: 1. tanto a filosofia do aleatório quanto a ciência da história se ocupam da relação entre modo de produção e formação social, entre essência e condições de existência; 2. a abordagem da ciência e da filosofia ao objeto é, contudo, oposta: a reflexão filosófica, na medida em que se ocupa do aparecimento histórico de um modo de produção, desenvolve-se no terreno dos ‘encontros’ e separa a essência das suas condições de existência, revelando desse modo o núcleo aleatório e a ausência de qualquer predeterminação do ser¹⁷: «É combinando a história dos resultados com a contra-história reprimida [*refoulée*] que Marx consegue pensar a história sem recorrer às categorias da teleologia e da contingência.»¹⁸ Ao invés, a análise científica, na medida em que deve dar conta da constituição das formações sociais, coloca-se do ponto de vista do «espinosismo-marxismo»,¹⁹ da inseparabilidade entre essência e condições de existência, da estrutura, do resultado, do efetivo, da ‘prise’, conseguindo assim determinar a necessidade estrutural, absolutamente imanente, que se afirma no núcleo aleatório do ser.

17 Neste sentido, a filosofia ‘não tem objeto’. O gesto filosófico de separação da essência em relação às condições de existência é, do nosso ponto de vista, a causa última do vínculo insolúvel, persistente nas diferentes fases do desenvolvimento teórico althusseriano, entre filosofia e ‘vazio’.

18 Louis Althusser, *Écrits sur l'histoire*, 271.

19 *Ibidem*, 243.

3. A inseparabilidade da essência e condições de existência na ciência da história

Althusser centra-se, analiticamente, em diferentes passagens do “Livre sur l’impérialisme”, no processo de conhecimento científico:

Se, portanto, um modo de produção ‘existe’ sob as formas adequadas à sua reprodução de uma formação social, e não fora delas, no céu ideal das ‘essências’ puras, então é preciso ser-se consequente e dizer: se, em primeira instância, não há história sem ser a das formações sociais, em última instância não há história sem ser a dos modos de produção. O que quer dizer que um modo de produção tem uma história.²⁰

A dialética da ‘primeira’ e ‘última instância’ – exprimindo a relação entre modo de produção e formação social – mostra a necessidade da progressão do conhecimento do concreto real ao abstrato, e do abstrato ao concreto do pensamento, que Marx descrevera na *Introdução* de ‘57 aos *Grundrisse*. Num primeiro momento, a análise científica deve necessariamente fazer abstração da complexidade da formação social para lhe isolar a essência. Isso mesmo faz Marx: «‘Isola’ o mecanismo que conseguiu identificar como essencial, isola-o de todos os pormenores que possam afetar o seu curso de maneira acidental mas não essencial, e analisa o fenómeno no seu ‘estado puro’.»²¹

Essa análise da «essência interna»²² permite a Marx definir o modo de produção como «a unidade das forças produtivas e das relações de produção *sob* as relações de produção»²³. Para Althusser, esta é a definição mais exaustiva e mais correta. Com efeito, a insistência no primado das relações de produção permite libertar a análise dos

²⁰ *Ibidem*, 244.

²¹ *Ibidem*, 260.

²² *Ibidem*, 259.

²³ *Ibidem*, 137.

perigos de uma interpretação idealista das forças produtivas, resultante da separação entre as condições de produção e de reprodução, isto é, da abstração das condições da efetiva existência histórica das forças produtivas.

Aprofundando a análise, Althusser chega à definição geral de relações de produção:

As relações de produção são definidas pela relação existente entre, *de uma parte*, os trabalhadores imediatos [...] e, *de outra parte*: I. os meios de produção, a força de trabalho, que compõem as forças produtivas; II. o produto, ou seja, a relação entre os trabalhadores imediatos, de um lado, e as forças produtivas e o produto, de outro;²⁴

e, ainda, à forma específica que essa relação assume no modo de produção capitalista:

A relação de produção do modo de produção capitalista é a não-detenção absoluta pelos produtores imediatos dos meios de produção, e a não-detenção relativa da força de trabalho. Esta *não-detenção relativa da força de trabalho toma a forma de uma relação mercantil: o salário*.²⁵

Assim sendo, a relação de produção capitalista, conclui Althusser, apresenta-se como uma relação entre classes ou, mais precisamente, como a relação «*entre as classes antagonistas que ela constitui*».²⁶

Althusser insiste repetidamente na importância da utilização do termo singular 'relação de produção' em vez do plural 'relações de produção'. A individualização/separação da relação de produção permite, efetivamente, definir

²⁴ *Ibidem*, 143-44.

²⁵ *Ibidem*, 150.

²⁶ *Ibidem*, 160.

as outras relações sociais como «efeitos da relação de produção de um modo de produção»,²⁷ dessa forma estabelecendo as condições da segunda passagem fundamental do conhecimento científico: do abstrato ao concreto do pensamento, da análise da relação de produção aos seus *efeitos* sociais, da ‘última instância’ à ‘primeira instância’, do modo de produção à formação social:

Porque é igualmente necessário que as condições *sociais*, e não apenas as condições *materiais* (ferramentas, sementes, força de trabalho), sejam reproduzidas. É necessário que a divisão social e as formas de cooperação sejam reproduzidas, o que pressupõe toda uma superestrutura política e ideológica, capaz de assegurar a reprodução das funções e a sua coordenação na produção. [...] Mas esta unidade da produção e da reprodução, e o efeito de superestrutura como condição da reprodução social, são essenciais para a concepção que Marx tem de história.²⁸

O resultado último de todo o processo de conhecimento é a definição da especificidade do modo de produção e, conseqüentemente, da formação social capitalista. Enquanto as formações sociais precedentes eram ‘abertas’, isto é, movidas por múltiplas dinâmicas heterogêneas e parcialmente independentes, a transformação em mercadoria da força-trabalho (o núcleo antagonista do modo de produção capitalista) confere à formação social capitalista uma estrutura ‘fechada’, na qual as transformações históricas são inteiramente redutíveis a um único princípio: a expansão da exploração e, por consequência, a reprodução alargada da luta de classes.

4. Materialismo aleatório. O complemento político da ciência da história

O imperialismo é o ‘estádio supremo’ do capitalismo, o efeito último dessa tendência à generalização da relação antagonista, e o início da

²⁷ *Ibidem*, 151.

²⁸ *Ibidem*, 273.

sua fase de 'putrefação'. A investigação histórica, conseqüentemente, abre-se a uma terceira problemática fundamental: o 'ocaso' das formações sociais, a análise das condições de dissolução estrutural e de desaparecimento dos modos de produção. O ser, nesta nova passagem teórica, descobre-se outra vez aberto ao aleatório, à separação da essência em relação às condições de existência, à dupla possibilidade do ser e do não-ser. A análise, por conseguinte, deve novamente deslocar-se da ciência para a filosofia.

Desde o início do "Livre sur l'impérialisme", Althusser sublinha o facto de a realização do imperialismo não antecipar de modo algum o comunismo: tal como o modo de produção feudal não continha em si, 'em germe', o modo de produção capitalista, este último nunca poderá ser 'o pai' do modo de produção comunista. Por outro lado, no entanto, exatamente como na Idade Média se tinham constituído – com genealogias independentes – os elementos cujo encontro afirmara as condições para o modo de produção capitalista, também a luta de classes que se desenvolve na formação social capitalista leva à formação de «elementos para o comunismo»²⁹. Não formas de antecipação de um modo de produção futuro, mas puras «virtualidades»³⁰ que abrem o ser a uma dúplice possibilidade aleatória: ser *versus* não-ser, «socialismo ou barbárie».³¹ De uma parte, se não se verificarem as condições dos encontros entre os elementos, entre as «virtualidades», qualquer revolução ficará bloqueada e o devir assumirá a forma de um processo indefinido de putrefação: «Nós podemos viver a tendência irresistível do imperialismo sob as formas de 'putrefação' (Lenine) e de barbárie (Engels), de que o fascismo nos deu uma primeira ideia.»³² De outra parte, se, pelo contrário, as potencialidades imanentes à formação social capitalista chegarem a encontrar-se e a definir as condições da sua reprodução, então afirmar-se-á um novo modo de produção e uma nova formação social comunista. Um percurso revolucionário que se configura, para

29 *Ibidem*, 132.

30 *Ibidem*, *ibidem*.

31 *Ibidem*, 211.

32 *Ibidem*, 277.

Althusser, como uma ‘longa marcha’ através de uma necessária fase de transição – o socialismo –, na qual convivem, de modo contraditório, as condições de existência e as condições de não-existência do comunismo, «os elementos próprios da relação de produção capitalista e os elementos que preparam a relação de produção comunista».³³

«Parece-me, de facto», conclui Althusser de forma assaz surpreendente, «que Lenine compreendeu razoavelmente bem o interesse desta pequena questão sobre as condições da não-existência (ou da morte) de um modo de produção; insisto: o interesse *político*»³⁴. No momento em que o modo de produção capitalista coloca a luta de classes como força motriz exclusiva da história, a transformação histórica torna-se um problema eminentemente político, e a capacidade/incapacidade de orientar a luta de classes em sentido revolucionário afirma-se como o elemento absolutamente decisivo na determinação do curso da história:

se as circunstâncias forem favoráveis, isto é, se a luta de classes proletária tiver sido, e for, bem conduzida, *então*, e *apenas então*, o fim do capitalismo poderá desembocar na revolução e no socialismo, conduzindo, através da longa marcha da ‘transição’, em direção ao comunismo.³⁵

As ‘circunstâncias’, na fase do imperialismo, tornam-se sinónimo de ‘uma boa condução da luta de classes proletária’: é a definição da estratégia revolucionária correta, a presença/ausência da organização revolucionária do proletariado, que pode decidir o destino de uma conjuntura, sempre oscilante entre as duas possibilidades aleatórias do socialismo e da barbárie.

Assim, no momento em que a reflexão histórica se abre ao problema do ‘ocaso’, da revolução e do comunismo, a filosofia revela o seu núcleo intimamente político e o materialismo aleatório identifica-se

³³ *Ibidem*, 184.

³⁴ *Ibidem*, 242-43.

³⁵ *Ibidem*, 105.

plenamente com a ‘teoria da conjuntura’ que Althusser desenvolveu apenas parcialmente nas suas reflexões sobre Lenine e Maquiavel.³⁶

O círculo filosofia/epistemologia/política fecha-se: não apenas a análise científica do capitalismo surge intimamente ligada à dupla problemática filosófico-política das origens e do desaparecimento de um modo de produção, como, sobretudo, a exigência política de uma orientação revolucionária da luta de classes põe a nu um vínculo entre política e epistemologia, reconhecendo no conhecimento científico do modo de produção capitalista o elemento em última instância determinante para se poder ‘orientar na conjuntura’, para se poder desenvolver uma estratégia revolucionária adequada às relações específicas de força e para orientar as possibilidades aleatórias numa direção constituinte:

Para vencer o imperialismo devemos conhecer o imperialismo, devemos conhecer o que distingue o imperialismo dos outros estádios do capitalismo, devemos ter uma ideia o mais precisa possível das suas características próprias e dos seus mecanismos. Só sob esta condição a luta de classes proletária será bem conduzida e poderá desembocar na revolução, na ditadura do proletariado e na construção do socialismo: nesta Longa Marcha que nos fará passar do capitalismo ao comunismo.³⁷

No inédito de 1975 “À propos de Marx et l’histoire”, a conexão entre filosofia do aleatório, ciência da história e teoria da conjuntura encontra mais um momento de confirmação. Neste escrito, com efeito, Althusser retoma a analogia entre marxismo e psicanálise que já havia elaborado no manuscrito de ‘66 “Notes sur la philosophie”. Em ambos os textos, Althusser reconhece na centralidade da ‘tópica’ a expressão da especificidade do marxismo, vista como ciência *sui generis*, como

36 Cfr. Louis Althusser, *Pour Marx* (Paris: La Découverte, 2005) e *idem*, *Maquiavel et nous* (Paris: Éditions Tallandier, 2009).

37 Althusser, *Écrits sur l’histoire*, 103.

forma de conhecimento científico que, porém, apenas tem sentido em relação a uma prática determinada: a política.

O jogo da tópica torna-se, em virtude desta contradição, uma interpelação, um apelo à prática. O dispositivo interno da teoria, na medida em que está *desequilibrado*, induz uma disposição para a prática que prolonga a teoria por outros meios. É isto que confere à teoria marxista a sua estranheza, e faz com que ela seja necessariamente inacabada (não como uma ciência comum, que é inacabada apenas na sua ordem teórica, mas de outro modo). Por outras palavras, a teoria marxista é assombrada, no seu próprio dispositivo teórico, por uma determinada relação com a prática, que é ao mesmo tempo uma prática existente e uma prática a transformar: a política.³⁸

Parece-nos, assim, que podemos concluir que a leitura dos *Écrits sur l'histoire*, longe de se limitar a satisfazer um interesse puramente filológico, que está sempre associado à possibilidade de acesso a novos materiais, constitui um precioso instrumento teórico, que ajuda a esclarecer a 'função teórica' específica do materialismo aleatório. Longe de se reduzir a um materialismo da combinação de elementos ou a uma filosofia irracionalista do vazio, o materialismo aleatório revela-se sobretudo um «pensamento da conjuntura»,³⁹ no qual a luta contra o transcendental permite repensar o nexos entre conhecimento e política,

38 *Ibidem*, 264. Em *Notes sur la philosophie*, Althusser, desenvolvendo um paralelo entre marxismo e psicanálise, afirmou: «Dever-se-ia talvez mesmo tornar claro que a necessidade de uma *tópica* não responde somente a exigências *teóricas* (sob este ponto de vista, no limite, um modo de apresentação valeria tanto quanto qualquer outro), mas [decorre do] facto de que as teorias assentes numa *tópica* que conhecemos (Marx, Freud) não por acaso são teorias que possuem, nos seus mesmos princípios teóricos, aquilo que permite *pensar* a sua própria *prática*; quer dizer, não a sua prática teórica, mas a prática específica (luta de classes, cura) que elas têm como efeito desencadear. Sem *tópica* não nos podemos 'orientar' numa *conjuntura*.» L. Althusser, "Notes sur la philosophie (1967-1968)," in *Écrits philosophiques et politiques*, tomo II (Paris: Éditions Stock/IMEC, 1997), 322.

39 Althusser, "Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982)," in *Écrits philosophiques et politiques*, 574.

entre teoria e prática revolucionárias, fundando-o sobre uma representação aleatória do ser, finalmente liberta de qualquer necessidade teleológica e aprioristicamente determinada.⁴⁰

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Althusser, Louis. *Écrits sur l'histoire*. Paris: PUF, 2018.
- Althusser, Louis. *Être marxiste en philosophie*. Paris: PUF, 2015.
- Althusser, Louis. *Initiation à la philosophie pour les non-philosophes*. Paris: PUF, 2014.
- Althusser, Louis. *Maquiavel et nous*. Paris: Éditions Tallandier, 2009.
- Althusser, Louis. “Le courant souterrain du matérialisme de la rencontre (1982).” In *Écrits philosophiques et politiques*, Louis Althusser, 553-91. Tomo I. Paris: Éditions Stock/IMEC, 1994.
- Althusser, Louis. “Notes sur la philosophie (1967-1968).” In *Écrits philosophiques et politiques*, Louis Althusser, 311-59. Tome II. Paris: Éditions Stock/IMEC, 1997.
- Althusser, Louis. *Pour Marx*. Paris: La Découverte, 2005.
- Althusser, Louis. *Les Vaches noires: Interview imaginaire*. Paris: PUF, 2016.
- Althusser, Louis, et al. *Leggere il capitale*. Milão: Mimesis, 1996.
- Balibar, Étienne. “L’objet d’Althusser.” In *Politique et philosophie dans l’oeuvre de Louis Althusser*, sous la direction de Sylvain Lazarus, 81-116. Paris: PUF, 1993.
- Morfinò, Vittorio. “Il primato dell’incontro sulla forma.” In *Giornate di Studio sul pensiero di Louis Althusser*, org. Maria Turchetto, 9-34. Milão: Mimesis, 2006.
- Vilar, Pierre. “Histoire marxiste, histoire en construction: Essai de dialogue avec Althusser.” *Annales: Économies, sociétés, civilisations* 23, n^o 1 (jan.-fév. 1973), 165-198. <http://revueperiode.net/inedit-althusser-et-lhistoire-essai-de-dialogue-avec-pierre-vilar/>.

Referência para citação:

Viparelli, Irene. “A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 7 (2018): 161-175.

40 Cfr. Vittorio Morfinò, “Il primato dell’incontro sulla forma,” in *Giornate di Studio sul pensiero di Louis Althusser*, org. Maria Turchetto (Milão: Mimesis, 2006), 9-34.